A Igreja de N. S. da Conceição do Boqueirão e suas obras de talha

MARIETA ALVES

(Especial para "A TARDE)

A sobrevivência de algumas Irmandades e a preservação de muitos dos nossos Templos são verdadeiros triunfos da fé. Exemplo expressivo dêsse triunfo nos dá a antiga Irmandade de N. Senhora da Conceição do Boqueirão, há muito elevada à categoria de Ordem 3ª.

Em ano desconhecido, segundo informam sucessivos Compromissos, homens pardos iniciaram a devoção à Senhora da Conceição, colocando sua imagem no altar de N. Senhora de Nazaré, da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo.

Não existem documentos pelos quais se possa escrever a história da Igreja, chamada do Boqueirão, que os pardos devotos de N. Senhora edificaram — "à custa dos seos Devotos desvelos, diligências, e de suas proprias fazendas".

O Arquivo da Irmandade é paupérrimo, sendo os livros mais antigos o da Receita e Despêsa, iniciado em 1836, e o de Atas do período 1844 — 1860, êste muitíssimo estragado e faltando as primeiras 40 páginas. Entretanto, para o conhecimento das obras de talha atuais, os 2 livros citados tem importância capital.

Logo a página 5, verso, do primeiro, encontra-se o pagamento de 480$000 ao conhecido entalhador Joaquim Francisco de Matos, em 1836, pela obra de talha das varandas da capela mor. Outras obras se executavam, ao mesmo tempo, constando mais, da referida página, o pagamento de .... 137$220 — "ao Carapina João Evangelista de Sz.ª e ao mancebo Damião, êste a 400rs e aquele a 1.000$ pr. dia q trabalharão a obra das portas da Capella mor, resto dos caixilhos, caza forte, sualho das Tribunas e ms. objectos como do documto. n.º 33, e pedr.º Mel. Lourenço".

A' página 6, encontra-se o pagamento de 10$000 "— ao pedr.º Luiz Caetano pr. rebocar as paredes da m.ma Capella mor e caiamento de toda a Igreja como dos ros. n.os 37 e 38 41$000".

Tudo faz supôr que o retábulo da capela mor foi executado pouco antes, mas nada podemos acrescentar quanto a seu autor, embora o Livro da Receita e Despêsa mencione o pagamento de 480$000 a Joaquim Francisco de Matos pela talha das varandas da mencionada capela.

Nas contas de Dezembro de 1839 a Dezembro de 1840, foram pagos 130$400 a Matheus Lopes — "pelos jornaes da pintura da Igreja". — Abaixo se lê — "A Lima & Irmãos pela importancia de tintas para a pintura 71$740".

Como se vê, tudo muito vago. Entretanto, á mesma página se encontra esta informação, que se nos afigura preciosa — "a Luiz José pr. fazer a desmanxar o andame q sefes na capella mor para se pintar o Tecto da m.ma".

Julgamos que se trata da pintura ainda existente na referida capela, bem mais nova que a do teto da nave, sem dúvida de outro pintor, infelizmente prejudicada pelos indesejáveis retoques.

Em sessão realizada no dia 27 de Junho de 1844, o Juiz informou que se estava dourando a capela mor e que por êste motivo as missas se celebravam na Casa da Mesa.

Nenhuma dúvida subsiste quanto à talha dos 2 altares colaterais e do bonito arco cruzeiro, importante trabalho executado, em 1837, pelo entalhador Antônio de Souza Santa Rosa, que por êle recebeu 878$180.

A's portas da morte, em 1846, êste mestre entalhador requereu o pagamento do saldo de 21$820, que ainda lhe devia à Irmandade. Seu falecimento ocorreu em 2 de Setembro de 1846, constando do Livro de Óbitos da Sé que era pardo, casado e maior de 80 anos de idade.

Em sessão de 3 de Outubro seguinte, foi apresentado um requerimento da viuva Ana Joaquina de Santa Rosa pedindo o pagamento do referido saldo, que seu marido não logrou receber. Em Maio de 1847, a angustiada viuva dirigiu novo requerimento à Mêsa, desta vez exigindo a liquidação da dívida, cujo pagamento foi, então, ordenado.

Estas dificuldades não intimidavam a Mesa que, ainda em 1847, tomou a resolução de mandar fazer — "a grade do côro, tribunas, alizares e remates destas pla. mesma forma em que se axa concebida as da Capella Mor, a excepção de serem rasgadas em arcaria, ficando sempre em prospecto de portas como actualmte. se achão."

Lutando sempre com dificuldades financeiras muito sérias, somente em 1851 esta obra poude ser contratada com o entalhador Cipriano Francisco de Sousa, conforme esclarece êste trecho da ata da sessão de 13 de Julho daquêle ano: "Tendo a Mesa convidado ao Ir.º Cypriano Francisco de Sousa afim de apresentar o seo orçamento sobre a obra de talha para as tribunas e couro da Capella, e tendo o mensionado Ir.º calculado as seis tribunas na quantia de quinhentos e quarenta mil rs., e o coro em quatrocentos mil rs. foi posta em discussão se se devia fazer varandas, ou tribunas, e foi aprovado que se fizesse tribunas, e não varandas, e logo authorisado o nosso Ir.º Procurador Geral para formular o mencionado contracto em três pagamentos obrigando-se a apresentar a supra dita obra em fins de Novembro do corrente anno".

A ata da sessão de 7 de Dezembro informa que o trabalho confiado a Cipriano Francisco de Sousa estava quase concluído. Em Julho de 1852, o entalhador referido, que então exercia o cargo de Procurador Geral, pediu 100$000 por conta do que lhe devia a Irmandade!

Eram uns desprendidos, uns idealistas aquêles hábeis artistas que enriqueceram os Templos da Bahia de tantos primores.

Dos entalhadores que trabalharam na Igreja do Boqueirão, resta-nos falar de Joaquim Pereira dos Passos, de todos o menos conhecido, que executou os 2 púlpitos e 4 remates das portas laterais do corpo da Igreja, pela importância de $190$000.

O pequeno Templo, levantado pelos modestos homens pardos, devotos de N. Senhora da Conceição possue outros atrativos além de sua preciosa talha, que atesta a perícia dos últimos grandes entalhadores da Bahia — Joaquim Francisco de Matos, Antônio de Sousa Santa Rosa e Cipriano Francisco de Sousa.

Impõe-se a conservação de suas formosas imagens, entre as quais o Senhor Bom Jesus dos Passos da Regeneração, as duas de N. Senhora da Conceição, ambos muito bonitas, pinturas, talha, todo o conjunto, enfim para que não se perca o patrimônio legado à Bahia pelos humildes e ignorados devotos da Virgem Nossa Senhora.